

A representação social sobre o surdo: um estudo de caso/ *The social representation of the deaf: a case study*


Tayana Dias de Menezes*

Doutora em Linguística pela Universidade Federal de Pernambuco (2020). Atualmente é Professora da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE). Tem experiência na área de Linguística, atuando principalmente nos seguintes temas: Representação Social, Análise Crítica do Discurso e Ensino de Português para surdos como segunda língua. Desenvolve projetos de pesquisa alicerçados na Teoria das Representações Sociais, como: “A Representação Social sobre Surdos na Mídia Digital” – projeto PIBIC.

 <https://orcid.org/0000-0002-9338-8395>

Kazue Saito Monteiro de Barros**

Professora titular da UFPE, Departamento de Letras, Pós- graduação em Letras e Linguística. É PhD em Language and Linguistics pela University Essex, UK. Dentre as múltiplas atividades, foi membro titular e coordenadora do Comitê de Assessoramento de Letras e Linguística do CNPq, membro titular da Câmara de Pesquisa da FACEPE, Pernambuco, tendo cumprido vários mandatos na Instituição. Foi bolsista PQ 1 do CNPq e assessora da Capes, foi vice-presidente da Asociación Latinoamericana de Estudios del Discurso - ALED. Tem experiência nos temas: interação verbal, domínios discursivos, discurso científico e pedagógico, produção textual e ensino, estratégias de (im)politeness.

 <https://orcid.org/0000-0001-9024-6239>

Recebido em: 20 jun. 2022. **Aprovado em:** 17 jul. 2022.

Como citar este artigo: MENEZES, Tayana Dias de; BARROS, Kazue Saito Monteiro de. A representação social sobre o surdo: um estudo de caso. *Revista Letras Raras*, v. 11, n. 3, p. 405-427, out. 2022.

DOI: <https://doi.org/10.5281/zenodo.8174667>

RESUMO

O objetivo principal desse artigo é analisar a Representação Social (RS) sobre o surdo sob a perspectiva do próprio grupo, ou seja, procuraremos averiguar como os surdos ancoram noções como a deficiência; a normalidade; dentre outras, no processo de categorização de pares. Para tanto, revisaremos a base teórica da Teoria da Representação Social (TRS), desenvolvida por Moscovici, e os conceitos fundamentais das abordagens dos discípulos moscovicianos. Além disso, explicaremos o aparato teórico construído, sob o sustentáculo de insumos teóricos de Moscovici (1978; 2003; 2015) e Doise (2002; 2014; 2015), para dar conta da análise sobre a (re)construção da RS enquanto um processo cognitivo complexo que possui marcas sociais. As análises foram feitas por meio dos discursos de alunos e professores surdos do curso de Letras-Libras da UFPE, colhidos por meio de questionários/ entrevistas. Procuramos, dessa forma, observar a complexa relação entre o sujeito, a cognição e a sociedade. Os resultados também foram analisados com base em Vala

*

 Tayana.menezes@ufpe.br

**

 kazuesaito@uol.com.br

(1986; 1997; 1999; 2002; 2004; 2010; 2015a; 2015b) que estabelece parâmetros para novas formas de expressão de preconceito. Chegamos à conclusão de que, embora o elemento que organiza o núcleo central da RS sobre o surdo seja a deficiência, ela é ancorada de maneira peculiar.

PALAVRAS-CHAVE: Representação Social; Surdo; Cognição; Discurso; Sociedade.

ABSTRACT

The purpose of this article is to analyze the Social Representation on the deaf from the perspective of the group itself, that is, we will try to find out how the deaf anchor notions such as disability; normality; among others, in the peer categorization process. In order to do so, we will review the theoretical basis of the Theory of Social Representation, developed by Moscovici, and the fundamental concepts of the Moscovician disciples' approaches. Furthermore, we will explain the theoretical apparatus formulated, based of Moscovici's theoretical inputs (1978; 2003; 2015) and Doise's theories (2002; 2014; 2015), to account for the analysis of the (re)construction of Representation as a process cognitive complex that has social marks. The analyzes were carried out through the speeches of deaf students and professors of the Letras-Libras course at UFPE, collected through questionnaires/interviews. In this way, we seek to observe the complex relationship between the subject, cognition and society. The results were also analyzed based on Vala (1986; 1997; 1999; 2002; 2004; 2010; 2015a; 2015b) which establishes parameters for new forms of expression of prejudice. We came to the conclusion that, although the element that organizes the central nucleus of Social Representation on the deaf is disability, it is anchored in a peculiar way

KEYWORDS: Social Representation; Deaf; Cognition; Discourse; Society.

1 Introdução

O artigo é epistemologicamente sustentado pela Teoria da Representação social (TRS), desenvolvida por Moscovici dentro da psicologia social. A TRS é considerada a grande teoria porque abriga outras abordagens. Essas complementam a primeira, e embora tenham enfoques distintos, não são contraditórias, mas complementares. Para a elaboração de um aparato teórico que desse conta da finalidade deste trabalho, a saber: averiguar como os surdos ancoram noções como a deficiência; a normalidade; dentre outras, ou seja, analisar os elementos que ancoram a RS sobre o surdo em discursos de surdos participantes do curso Letras-Libras da UFPE, usamos como sustentáculo insumos teóricos desenvolvidos por Moscovici (1978; 2003; 2015) e pelo seu discípulo Doise (2002; 2014; 2015) – autor expoente da abordagem societal.

Selecionamos o curso de Letras-Libras da UFPE como locus de pesquisa porque é um ambiente social em que convivem, dentro e fora de sala de aula, surdos e ouvintes numa esfera guiada

por princípios de igualdade e participação de todos. Além disso, no curso, ambos os grupos sociais têm acesso a bens socialmente valorizados, como a pesquisas acadêmicas que circunscrevem o universo da surdez. Embora o surdo, historicamente, tenha estado à margem da sociedade, como aponta Goldfeld (2002); “[...] os surdos [...] sofrem sérias dificuldades na escolarização, na socialização e na fase adulta, no mercado de trabalho” (p. 15), no curso de Letras-Libras da UFPE, essa realidade tem sido subvertida.

Para a pesquisa, elaboramos um questionário que foi respondido em libras - língua materna do grupo em questão. As respostas dadas em libras foram, inicialmente, filmadas e, posteriormente, traduzidas pelas pesquisadoras e transcritas para o português escrito, respeitando a estrutura da língua de sinais.

No artigo, revisaremos, inicialmente, alguns conceitos basilares da TRS que, somados a outras noções oriundas das abordagens de discípulos de Moscovici, constituem a base do aparato teórico construído para análise pelas pesquisadoras, detalhado logo após. Para análise, serão ainda utilizadas as concepções de Vala (1986; 1997; 1999; 2002; 2004; 2010; 2015a; 2015b), no que tange as novas formas de expressão de preconceito contra grupos minoritários. Partimos do conceito de língua como um “sistema simbólico de grande plasticidade com o qual podemos dizer criativamente o mundo [...] sem uma língua não saberíamos produzir nem distribuir conhecimentos” (MARCUSCHI, 1988, p. 44-46).

A pesquisa aponta que os surdos se enxergam como um grupo linguisticamente minoritário, uma vez que são falantes da libras, e como sujeitos visuais. Diferenciam-se dos ouvintes, principalmente, por causa da língua materna de cada grupo e porque precisam enfrentar barreiras sociais e lutar por acessibilidade. Isto é, os surdos ora se enxergam próximos aos ouvintes, ora se diferenciam deles. Essa visão atravessa a (re)construção da representação sobre seus pares.

2 Fundamentação Teórica: a Teoria das Representações Sociais (TRS) e as abordagens dos discípulos moscovicianos

Na TRS, a relação entre o sujeito e o mundo é mediada por RS – um “amálgama de conhecimentos” (MENEZES, 2021, p.4) de natureza diversa, conhecimento socialmente compartilhados; crenças; experiências individuais etc., responsável pela compreensão sobre o mundo; pela interação com o outro e pela agência no mundo. A RS é um fenômeno de dupla natureza, social e cognitiva. Os sujeitos vivem imersos numa realidade polimorfa, constituída por complexos sistemas de crenças e sistemas ideológicos. No entanto, “a RS não serve como espelho da realidade” (MENEZES, 2021, p. 5), antes é uma “(re)construção por distorções, exclusão e inclusão segundo as expectativas e interesses dos sujeitos sociais” (MENEZES, 2020, p. 59). Ou seja, a RS é responsável por atribuir forma ao real. Moscovici (2015) propõe dois mecanismos de constituição/ alteração da RS: a ancoragem e a objetivação. O primeiro mecanismo é responsável pela dinamicidade do fenômeno, uma vez que é por meio dele que o novo é absorvido no sistema categorial dos sujeitos. Ao deparar-se com o não familiar, os sujeitos comparam esse objeto com os objetos familiares. Essa comparação não segue os rigores científicos, possui uma lógica própria. Os sujeitos podem dar saliência ou sombrear o que lhes interessam. Após essa comparação, o novo é integrado a algum grupo categorial familiar. A objetivação, por sua vez, nada mais é do que atribuir uma imagem a um conceito.

A Escola de Genebra, liderada por Willem Doise, no tocante às pesquisas sobre RS, imprime uma perspectiva mais sociológica aos estudos que circundam a representação. Ela procura interligar o individual ao coletivo, entendendo que os processos representacionais são regidos por dinâmicas sociais e interacionais. Doise integra quatro níveis de observação dentro de suas análises: os processos intraindividuais; os interpessoais; os intergrupais e os sociais. A respeito desses quatro níveis de análise, Almeida (2009, p. 7) explica:

A abordagem societal pressupõe a integração de quatro níveis de análise no estudo das RS. O primeiro focaliza os processos *intraindividuais*, analisando o modo como os indivíduos organizam suas experiências com o meio ambiente. O segundo centra-se nos processos *interindividuais e situacionais*, buscando nos sistemas de interação os princípios explicativos típicos das dinâmicas sociais. O terceiro refere-se aos processos *intergrupais*, leva em conta as diferentes posições que os indivíduos ocupam nas relações sociais e analisa como essas posições modulam os processos do primeiro e do segundo níveis. O quarto, o *societal*, enfoca os sistemas de crenças, representações, avaliações e normas sociais, adotando o pressuposto de que as produções culturais e ideológicas, características de uma sociedade ou de certos grupos, dão significação aos comportamentos dos indivíduos e criam as diferenciações sociais, a partir de princípios gerais.

Podemos concluir que a proposta de Doise é complexa no que diz respeito às categorias de análise das relações que os sujeitos estabelecem, a partir de experiências individuais, com outros que fazem parte de um mesmo grupo e na relação com outros que fazem parte de grupos distintos. Isto é, a RS é analisada sob múltiplos ângulos, pois isso auxilia na construção de uma visão mais ampla sobre o fenômeno. Além disso, as análises devem levar em conta os conjuntos de crenças e ideologias que intervêm neste complexo sistema e, conseqüentemente, contribuem para a tomada de posição dos indivíduos que estão situados em esferas específicas.

Outra abordagem é a Teoria do Núcleo Central desenvolvida por Abric (1993; 2003). Ela explica a organização e funcionamento interno e estrutural da RS. Segundo o autor, a RS é constituída por dois sistemas: o núcleo central – a parte mais resistente e longínqua da representação, constituído por elementos que fazem parte da memória social. Esse sistema é o responsável pelo significado da RS, todos os outros são acomodados de maneira que se harmonizem com o núcleo – e o sistema periférico – a parte mais flexível da RS, ele se adapta ao contexto imediato e protege a longevidade do núcleo. O funcionamento de ambos os sistemas explica como a RS pode, ao mesmo tempo, ser resistente às mudanças e ser adaptável à situação imediata, explica possíveis contradições de sentido entre elementos do núcleo e do sistema periférico, esse último aglutina novos elementos providos do contexto imediato, mas os adapta aos elementos do núcleo. Por esse motivo, Flament (2001) defende que o sistema periférico serve como uma espécie de para-choque em relação ao núcleo.

Já a abordagem dialógica, que tem Marková[†] como principal expoente, defende que a organização interna da RS é constituída por um núcleo central e um sistema periférico, mas ambos são formados por *Thematas*. Esse último conceito diz respeito às “antinomias do pensamento” (MENEZES, 2021, p. 7), formado a partir da interação entre o eu e o outro, presentes no discurso que circula socialmente e constitui os saberes dos sujeitos. Por exemplo, Marková (2006, p. 246) exemplifica seu ponto de vista com base na RS sobre a Aids: “nós podemos imaginar o núcleo de uma representação social da Aids como estando organizada em torno de antinomias como sujeira/ limpeza; moralidade/ imoralidade; vida/ morte”.

[†] Para mais informações sobre essa abordagem, consultar: MENEZES, T.D. de. The dialogical approach and discourse: a study on social representation about the deaf. *Cadernos de Linguística*, v.2, n.4, p. e421, 4Sep. 2021.

Vala (1986; 1997; 1999; 2002; 2004; 2010; 2015a; 2015b), outro discípulo de Moscovici, estabelece parâmetros para novas formas de expressão de preconceito. Isso se dá porque, hoje, as sociedades são, constitucional e juridicamente, orientadas por normas antidiscriminatórias, Vala (2010). Desta maneira, os sujeitos elaboram explicações socialmente aceitas para justificar o preconceito.

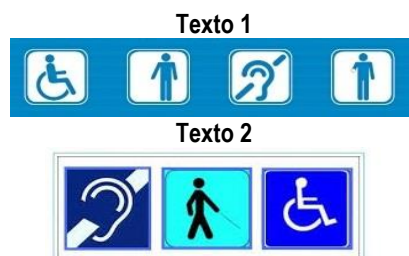
Ambas as abordagens, a Estrutural e a Dialógica, são caras para a pesquisa porque fornecem sustentáculos sólidos para a hipótese, a saber, que o núcleo da RS sobre o surdo é perpassado pela noção da deficiência. Por meio do cenário ambíguo, testamos a nossa hipótese e observamos, no discurso dos surdos, as thematas que organizam o núcleo da RS em questão. Além disso, os conceitos de Marková foram imprescindíveis para a pesquisa sobretudo porque assume que o conjunto de conhecimentos dos membros de um endogrupo é atravessado pelo conjunto de conhecimento dos membros de um exogrupo. Ou seja, a alteridade precisa ser levada em conta na análise dos discursos.

A abordagem societal, por sua vez, forneceu os insumos teóricos necessários para a elaboração do aparato teórico-metodológico, levando em conta os princípios/ normas sociais, expostos no PPC do curso de Letras- Libras da UFPE, vigentes dentro do espaço social pesquisado. Doise (2014) delimita os estudos referentes às RS como a observação das regulações operadas pelo metassistema nas relações sociais simbólicas dentro dos sistemas cognitivos individuais. Os discursos analisados são expressões individuais, mas, ao mesmo tempo, são transpassados por marcas de pertença grupal, valores, crenças e ideologias. Na seção seguinte detalharemos o modelo analítico usado na presente pesquisa.

3 Aparato teórico-metodológico da pesquisa

Para averiguar quais as representações sobre o surdo circulam dentro do curso Letras-Libras da UFPE elaboramos um questionário – as perguntas servem como guia para os sujeitos elaborarem e externarem conhecimentos, crenças e valores sobre o surdo e elementos que circundam a surdez.

Foram entrevistados um total de 12 surdos, nove (9) alunos surdos e três (3) professores surdos da UFPE. Embora tenhamos levado em consideração as variáveis professor/ aluno nas análises, observamos que elas pouco impactam no processo de categorização de seus pares. Selecionamos das doze entrevistas três delas para exemplificar como foram feitas as análises dos corpus da pesquisa. Posteriormente, apresentaremos os resultados levando em conta todo o material analisado[‡]. No projeto de pesquisa maior, elaboramos oito (8) perguntas. Para fins deste trabalho, apresentaremos três (3) entrevistas e três (3) das oito perguntas do questionário, levando em conta o escopo da investigação.



Fonte: MENEZES, Tayana Dias de, 2020, p. 96.

O texto 1 e o texto 2 foram elaborados com os ícones que retratam o que é socialmente categorizado como grupos de deficientes. O texto 1 foi elaborado com os ícones que retratam cadeirantes, pessoas socialmente encaradas como normais, surdos e amputados, respectivamente. O texto 2 é composto pelos ícones que retratam, na ordem, surdos, cegos e cadeirantes.

Perguntas selecionadas:

- 1) Os textos são coerentes? Por quê?
- 2) Quais as diferenças entre ser surdo e ser ouvinte?
- 3) Sob sua perspectiva o que é deficiência?

A primeira pergunta foi baseada na técnica de pesquisa proposta por Abric, *indução por cenário ambíguo* – apresenta-se um texto com os elementos centrais da RS e afirmações que o contradigam, se os participantes rejeitarem o texto, possivelmente a hipótese é verdadeira. Como exemplo, “Abric estudou a representação de empresa e seu núcleo central seria “gerar lucro”, o cenário ambíguo seria um texto que contivesse a afirmativa: uma empresa sem fins lucrativos. Se as pessoas

[‡] Para ter acesso a todas as entrevistas, consultar Menezes (2020).

rejeitassem o texto como falso, isso significaria que a hipótese era verdadeira” (MENEZES, 2021, p. 9- 10). Historicamente, associa-se o surdo à deficiência, por isso, era esperado que o texto 2 não cause nenhum estranhamento. Já com relação ao texto 1, era esperado que o estranhamento fosse causado pelo segundo quadro, um boneco socialmente categorizado como normal dentro de um grupo socialmente categorizado como deficiente. A segunda questão auxiliará na compreensão sobre a interferência da alteridade na (re)construção da RS sobre o surdo. Historicamente, segundo Goldfeld (2002), os surdos são grupos minoritários, isto é, socialmente ser ouvinte é encarado como normal/ padrão e, portanto, hegemônico. No entanto, passamos por transformações sociais constantes em relação a aceitação das diferenças. Selecionamos o espaço social o curso de Letras-Libras da UFPE porque ele é composto por atores que têm acesso a informações sobre o surdo e sobre a surdez e convivem, surdos e ouvintes, juntos diariamente. Além disso, surdos – grupo minoritário – e ouvintes – grupo hegemônico – têm acesso aos recursos sociais valorizados dentro do curso. Isso pode gerar disputa/ competição entre os grupos sociais, e essa disputa poderá influenciar a (re)construção das representações. A última questão (3) nos ajudará a averiguar a compreensão do sujeito sobre a deficiência e sobre a categorização da surdez.

Doise (2002, p. 30) define a RS como “[...] princípios organizadores das relações simbólicas entre os indivíduos e grupos”. Isso significa dizer que as representações sociais são responsáveis pelos posicionamentos adotados pelos sujeitos e, conseqüentemente, pela (re)organização e/ ou manutenção das práticas sociais, inclusive das discursivas. Doise se apropria, com base no trabalho seminal de Moscovici, do princípio teórico da distinção entre sistema e metassistema por causa do seu valor heurístico. Moscovici (1978), no estudo referido acima, propõe a existência de dois sistemas cognitivos. Para Doise (2014), o metassistema é organizado por normas sociais, e, por esse motivo, os princípios de organização deste podem variar. Além disso, numa mesma pessoa, variados metassistemas podem intervir. Ele defende que o estudo sobre a RS perpassa as atualizações das regulações feitas pelo metassistema social que intervém no sistema cognitivo. O lugar mais produtivo para observar a dinâmica do sistema e metassistema é na imbricação deles dentro das relações de comunicações, ou seja, no discurso.

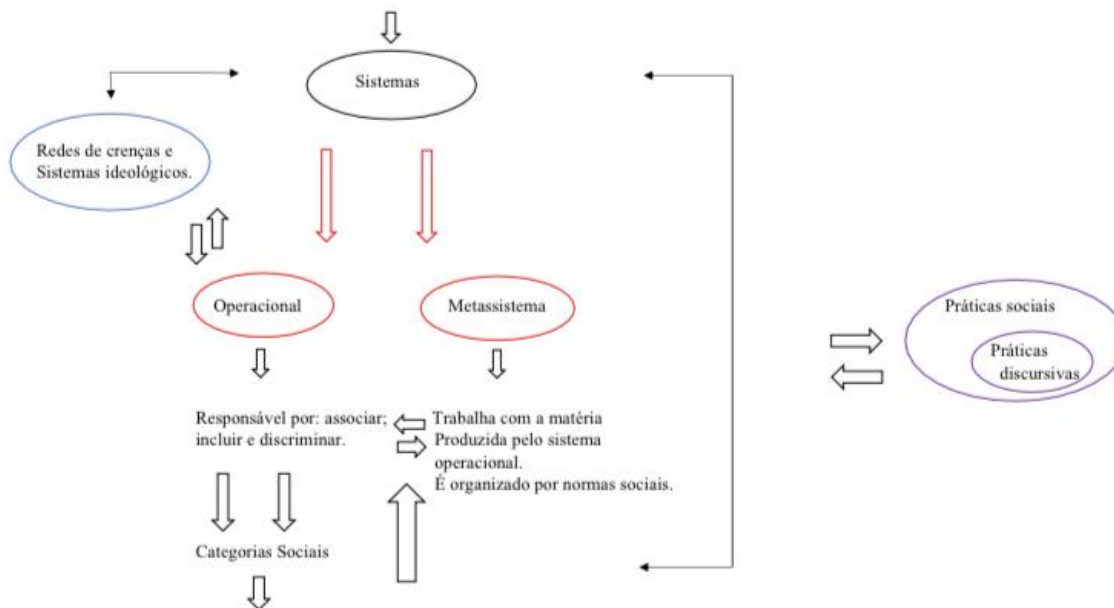
Para defender a importância do conceito de metassistema, Doise (2014) cita a pesquisa de Clémence; Egloff; Gardiol e Gobet (1994), *Solidariedades sociais na Suíça*. Há debates recorrentes

no país sobre a seguridade social, de ajudas financeiras aos desempregados, idosos, refugiados políticos ou econômicos. Isso acontece porque existem duas concepções que orientam esse debate: uma que considera a sociedade como um conjunto mais ou menos harmonioso formado por pessoas altruístas e empáticas e outra que considera a sociedade o lugar de conflito entre os interesses individuais e coletivos. Essas duas concepções organizam diferentes representações sobre solidariedade e, conseqüentemente, geram tomadas de posições distintas entre o grupo que participam do debate. Ou seja, quando a sociedade é vista como um todo harmônico, estima-se um baixo nível de insegurança social e por isso pouca necessidade de assistência social, mas quando a sociedade é encarada como algo atravessado por conflitos, há, por isso, maior necessidade de ajuda social, “duas visões de mundo que poderiam ser consideradas como metassistema” (DOISE, 2014, p.179). Esse estudo mostra que as tomadas de posição dos sujeitos são determinadas, em parte, por metassistemas.

Doise, no entanto, ressalta a importância da multiplicidade de redes e de relações que um ator social participa, pois estas auxiliam na construção da opinião individual e na tomada de posição, mas também defende que existe uma hierarquização entre metassistemas em caso de heterogeneidade dentro de um conjunto de opiniões de um indivíduo. Doise (2014, p. 205- 206) defende que o modelo de sistema e metassistema permite investigar “a intervenção da marcação social no desenvolvimento cognitivo”.

Por isso, analisaremos os discursos por meio de um modelo analítico constituído pelos princípios teóricos em Moscovici (2015) e Doise (2014), levando em conta o metassistema, sustentado pelas normas/ princípios sociais que auxiliam na tomada de posição dos sujeitos; o sistema operacional, responsável pela categorização social, que é permeado pelas redes de crença e os sistemas. Esse modelo nos permitirá identificar as marcas sociais no desenvolvimento/ processo cognitivo e cumprir os objetivos que guiam essa pesquisa. As perguntas selecionadas do questionário representam, cada uma, um dos sistemas propostos pelo modelo analítico.

Figura 1 – Modelo analítico



Fonte: MENEZES, Tayana Dias de, 2020, p. 105.

Considerando o aporte teórico de Moscovici (2015) e, especialmente, de Doise (2014), o metassistema trabalha com a matéria produzida pelo sistema operacional e as redes de crenças e os sistemas ideológicos intervêm tanto no metassistema quanto no sistema operacional. Tanto Moscovici, no seu estudo seminal, como Doise (2014, p. 164- 165) defendem a existência de dois sistemas cognitivos:

[...] um que faz associações, inclusões, discriminações, dedução, isto é, o sistema operacional, e outro que controla, verifica, seleciona através de regras, lógicas ou não; trata-se de uma espécie de metassistema que retrabalha a matéria produzida pelo primeiro. [...] no metassistema, as relações que o constituem são geralmente e primordialmente relações normativas. Em outras palavras, nós temos de um lado relações operacionais, e de outro lado, relações normativas que controlam, verificam e dirigem as primeiras (MOSCOVICI, 1978, p.254).

O metassistema não age sozinho, como podemos ver na imagem, ele sofre influência do sistema operacional, responsável pela categorização social, que é permeado pelas redes de crença e sistemas ideológicos. Existe um continuum de interferência entre os dois sistemas, as redes de crenças e sistemas ideológicos. Por isso, ao analisar a RS sobre o surdo, iremos também observar os sistemas e a rede de crenças e sistemas ideológicos que guiam os sujeitos surdos. Em síntese, a partir do esquema analítico, defendemos que as estratégias cognitivas baseadas na influência mútua entre sistemas de crenças/ sistemas ideológicos, sistema operacional e metassistema pode fornecer-

nos insumos para a análise dos processos de (re)construção das RS sobre o surdo. Os sistemas se influenciam mutuamente. A divisão entre eles é tênue e foi utilizada, nesta pesquisa, para fins analíticos.

Para a pesquisa, podemos entender que um dos fatores que influenciam a organização do metassistema são as normas que regem o curso contidas no PPC. Estas normas são fundamentais porque são a base de operação do metassistema. Essas regras, como podemos averiguar no esquema analítico, intervêm no sistema operacional e, conseqüentemente, na atribuição de categorias. Além disso, as perguntas que compõe o questionário nos ajudarão a observar com mais cuidado cada segmento do sistema analítico. Uma das perguntas é mais de cunho ideológico e, portanto, nos auxiliará a observar com mais atenção o sistema de crenças e o sistema ideológico (ex. a 3). Outra nos auxiliará a observar melhor o funcionamento do sistema operacional, responsável por associações e discriminações (ex. a 2). Outras nos auxiliarão a observar melhor o funcionamento do metassistema, ou seja, a tomada de posição dos sujeitos (ex. as 1, 2 e 3). Essa divisão se dá apenas por uma questão de organização analítica, uma vez que a divisão é tênue, ou seja, uma única pergunta pode abranger o sistema de crença, o sistema operacional e o metassistema. A primeira pergunta, como já explicamos, faz parte do cenário ambíguo, além de nos ajudar a observar a tomada de posição dos sujeitos sobre a deficiência e a surdez, nos ajudará a esclarecer a organização interna da RS sobre o surdo. Para observarmos melhor como esses sistemas operam na (re)construção da RS sobre o surdo dentro dos discursos, optamos por analisá-los por blocos: as perguntas foram agrupadas de acordo com os sistemas da qual pertencem, conforme organização supracitada.

Sobre os princípios que regem o curso de Letras-Libras da UFPE[§] – fundamentais para entendermos as tomadas de posição dos sujeitos sobre o surdo, sobre a surdez e sobre a deficiência –, segundo o PPC (2013) do curso, a criação deste “vai ao encontro das *políticas de inclusão social e de diversidade* adotadas pelo Ministério da Educação e Secretaria de Educação Especial, desde 2002” [grifo nosso] (p.13). Podemos, portanto, concluir que os princípios básicos que regem o espaço social dizem respeito à inclusão social e aceitação da diversidade, sendo, por isso, um espaço de

[§] Além disso devemos lembrar que essas normas, ou seja, o metassistema interfere no sistemas de crenças e no sistema operacional. Isso significa afirmar que as categorias sociais e as RS serão em partes moldadas pelo sistema de normas que regem o espaço social. O sujeito procura adequar a sua perspectivas em conformidade às regras que regem o espaço em que circula e convive.

convivência entre indivíduos diferentes, mas que aceitam e incluem, na sua realidade social, a diferença. Além disso, o documento afirma que a criação do curso é uma resposta “a uma exigência moral da sociedade” e “o papel de uma Universidade pública federal é garantir o acesso de todos ao ensino superior, e nesse TODOS inclui também os alunos com deficiência auditiva” (PPC, 2013, p. 13; 15). Sendo assim, podemos ratificar que o curso procura instituir como regra o princípio da igualdade e da inclusão entre os sujeitos diferentes que compõe o curso: surdos e ouvintes. Na próxima seção, exporemos os dados e faremos as devidas análises com base no modelo analítico proposto.

4 Análises: as impressões dos surdos sobre o próprio grupo social

Como dito, para fins de exemplificação, foram aqui utilizadas 3 entrevistas das 12 que compõem a pesquisa original. Destas uma (1) entrevista foi feita com professor surdo e duas (2) com alunos surdo, segue a tabela 1 para orientação. O objetivo das questões é compreender a organização interna da RS sobre o surdo e identificar como eles ancoram noções como a deficiência, a normalidade em diferentes sistemas – o metassistema, o sistema de crenças/ ideológico e o sistema operacional.

Tabela 1- Variáveis professor surdo/ aluno surdo

ENTREVISTAS	SUJEITOS
RELATO 1	PROFESSOR SURDO
RELATO 2	ALUNO SURDO
RELATO 3	ALUNO SURDO

Fonte: elaborada pelos autores do presente artigo

A organização interna da RS sobre o surdo - metassistema

1) Os textos são coerentes? Por quê?

RELATO 1

Texto 1: imagem pessoa deficiente, falta deficiência, falta. Aqui tem cadeirante, imagem outra bengala, tem aparelho surdo, tem outra amputado. Aqui imagem mostra propaganda o quê? Pessoa deficiente, mas falta o quê? Tem debate o que deficiência. Mental tem tipos diferentes deficiência. Aqui imagem não clara. Tem cadeirante significa o quê? Deficiente físico, corpo, também amputado também deficiente físico. Os dois parecem iguais. Não combina cego. Percebo cego deficiente porque bengala.

Surdo o quê? Aparelho coclear, mas surdo visual, libras está claro. Pode deficiente auditivo sem libras, mas tem libras, tipo diferente deficiência, surdo diferente foco combina linguística visual. Aparelho coclear combina mais deficiência, mas minha opinião. Texto 2: É a mesma coisa. Só um momento, vou explicar. Vou explicar as quatro imagens. Aqui três parece anterior mas coclear azul, cego bengala tem bengala, diferente cadeirante azul, mas tem imagem só cadeirante mais escura, mas todas deficiente. Não combina, tem cor cadeirante azul, coclear azul escuro: confuso! Também depende pessoa cor imagem, mas problema não claro.

RELATO 2

Eu percebi imagem tema texto aqui primeira tema cadeirante. Onde? Ônibus cadeirante muito, acessibilidade. Ok! Segundo: só pessoa, mas não ficou claro não. Parece outra deficiência, pode mental. Mental problema cabeça silêncio. Pode novo desenho. Terceiro. Não, verdade segundo não tem informação nada porque a primeira aqui novo desenho. Terceiro tema: surdo, Lei sempre sabe o que o surdo. Quarta: deficiente amputado, não tem braço, nada. Só.

RELATO 3

Texto 1: Minha opinião, grupos: grupo mental; grupo surdos; grupo deficientes perna deficiente. Também down, próprio mental próprio. Grupos separados, quatro grupos. Primeiro grupo próprio exemplo libras, não sabe libras, mas pode oral; gestos. Também esse grupo mental grupo deficiente perna comunicação..... porque próprio mental. Grupos inclusão, mais importante: união, Lei. Lei Brasil mais importante porque importante, só. Dois diferente! Deficiente perna cadeira de rodas; dois pessoa cachorro guia? Pessoa normal; pessoa. Surdo; amputado. Importante corpo igual, certo? Como surdo comunicação pessoa outra normal? Libras. Cadeira de rodas sabe libras, sabe amputado. Sabe comunicação. Entendeu? Só. Os quatro iguais. Texto 2: Sim, porque deficiente barreira. Porque barreira. Antes barreira. Tem Lei, LBI barreira livre, aberta passagem. Só.

O sistema de crenças/ sistema ideológico

3) Sob sua perspectiva o que é deficiência?

RELATO 1

Conceito pessoa deficiente é diferente conceito pessoa surda. Conceito pessoa deficiente é tudo: deficiente auditivo; cego; cadeirante; mental, tudo dentro. Então, grupo luta pelo direito pessoa deficiente no ônibus; várias coisas. Por isso tudo dentro geral pessoa deficiente. Conceito de surdo diferente linguístico, língua diferente.

RELATO 2

Então, minha opinião, depende eu vejo pessoa deficiente ele surdo, mimado. E surdo ajudar! Não! Corpo normal não é deficiente, só deficiente audição, só. Deficiente, mas corpo igual ouvinte, só. Problema nada, mas ouvinte entender o quê? Identidade surdo.

RELATO 3

Pergunta difícil. Grupo surdo próprio identidade, próprio dele. Aceita sabe porque deficiente pode fácil grupo de deficiente barreira passagem pode fácil deficiente afastar. Surdo como? Pode como? Pode como, por isso lei. Pode lutar. Corpo normal, problema audição.

O sistema operacional

2) Quais as diferenças entre ser surdo e ser ouvinte?

RELATO 1

Surdo ouvinte é diferente sim porque surdo cultura diferente, exemplo: surdo briga briga fica raiva outro surdo, mas amanhã paz. Ouvinte briga briga amanhã paz não. Ouvinte se afasta, procura outra amizade, outro grupo. Surdo não, briga amanhã paz continua união. Mas surdo cultura diferente ouvinte. Surdo vai dançar, pensa “surdo dança não porque não escuta”, a gente sente vibração, sente vibração. Ouvinte escuta letra música, surdo sente emoção; dança com música, sabe ritmo, sabe dançar porque sente vibração. Cultura diferente.

RELATO 2

Minha opinião, vejo os dois iguais, mas ouvinte mais experiência, informação. Eu também experiência, informação própria comunidade surda. Eu acho iguais. Depende, identidade dele ouvinte e minha identidade. Eu acho iguais, mais ou menos, 50%!

RELATO 3

É diferente porque surdo ouvinte porque diferente libras outro fala. Exemplo: português, libras é própria do surdo. Só surdo não, também ouvinte sabe libras. As comunidades comunicação libras. Surdo falar voz pouca, alto baixo. Surdo libras forte. Mas corpo igual, corpo igual. Diferente mão voz visual, ouvinte ouve. Corpo um igual. Diferente surdo libras ouvinte fala.

Como esperado, a segunda imagem do texto 1 causa estranhamento, “não ficou claro não” (Relato 2). Os grupos que compõem o texto 1 e o 2 são categorizados como deficiente e, por isso, há um estranhamento no que diz respeito à coerência entre a imagem dois do texto 1 e as demais. Para construir sentido ao todo, tanto no relato 2 como no 3, os sujeitos categorizam a imagem em questão como um símbolo novo; “Parece outra deficiência, pode mental. Mental problema cabeça silêncio. Pode novo” (Relato 2); “Minha opinião, grupos: grupo mental; [...] Também down, próprio mental próprio” (Relato 3).

Partimos da hipótese que a deficiência faz parte do núcleo central da RS sobre o surdo no discurso de sujeitos surdos. Para testar essa hipótese, como explicado anteriormente, utilizamos a técnica do cenário ambíguo. Como exposto, os discursos construídos em todos os três relatos mostram o estranhamento dos sujeitos diante da imagem dois do texto 1; “Segundo: só pessoa, mas não ficou claro não” (Relato 2); “Dois diferente! [...] Pessoa normal; pessoa” (Relato 3). Há uma incompatibilidade clara entre a imagem dois e as demais, entre o socialmente categorizado não deficiente e o deficiente. E, por isso, no esforço de atribuir sentido entre o todo, os sujeitos categorizam a imagem 2 como símbolo da deficiência mental. Os sujeitos selecionam, dentro de infinitas possibilidades, uma das categorias que esteja em harmonia com o que se considera socialmente como

deficiência. Tudo o que foi exposto nos assegura que a deficiência faz, de fato, parte do núcleo central da RS sobre o surdo.

No entanto, a noção de deficiência dentro dos discursos dos sujeitos surdos parece, mesmo em torno da questão ligada ao metassistema, peculiar; “importante corpo igual, certo? Como surdo comunicação pessoa outra normal? Libras” (Relato 3). Ao analisar a questão ligada ao sistema ideológico, entendemos como mais clareza como o grupo (re)constrói a crença sobre a deficiência e a relação desta com o corpo. Para Jodelet (2017), analisar a RS alicerçada pelas noções do copo é trabalhar, concomitantemente, na esfera psicológica e social. Isso se dá porque o corpo é um “objeto ao mesmo tempo privado e social” (JODELET, 2017, p. 271). Ainda segundo Jodelet (2017, p. 273), as práticas, as prescrições e conhecimentos, que atravessam a noção do corpo, marcam “visões do homem e do mundo, como expressões do imaginário social, de uma ordem simbólica e de uma identidade de grupo”. A psicóloga social defende que:

As experiências, práticas e estados corporais, aos quais estão ligadas as representações, se encontram na dependência das regulações e aprendizagens sociais. Revelam também o modo como o corpo passa sob a influência sempre crescente das instituições de controle no domínio médico, sexual [...]. Veem-se assim os modelos de pensamento infletirem, ao lado dos modelos de comportamento, a maneira de conceber e viver o corpo. [...] O corpo aparece como lugar privilegiado [...] quando se quer identificar o sistema cognitivo, cujos conteúdos e organizações refletem variáveis segundo os grupos sociais.

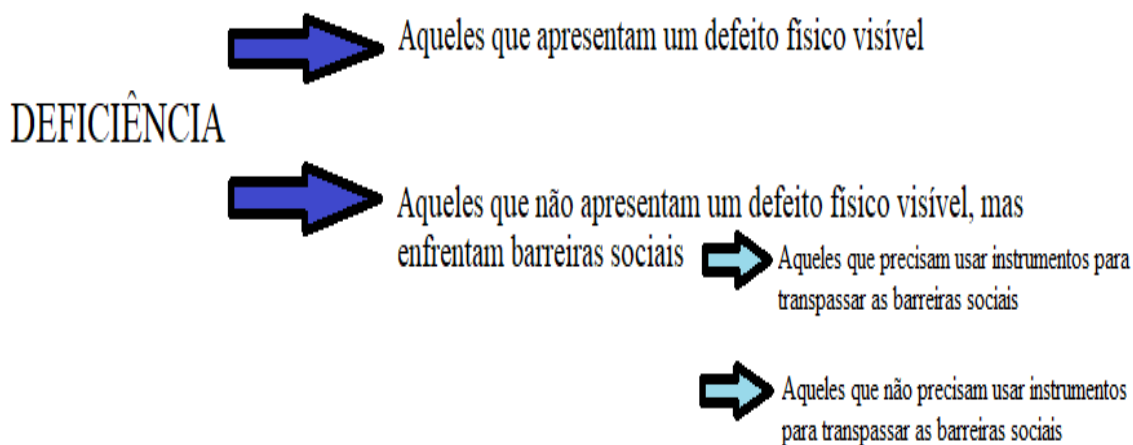
Em outras palavras, o corpo não é apenas um bem privado, mas também um bem social. Como pode ser observado, a RS sobre o surdo e os saberes sobre o corpo são traspassados pela alteridade – há uma comparação constante entre o corpo do surdo e o corpo do ouvinte dentro dos discursos. Estes saberes ancoram o elemento central da RS sobre o surdo, a deficiência, e orientam as tomadas de posição do grupo. Ou seja, a deficiência é uma noção basilar para compreender a organização da RS sobre o grupo em questão. Além disso, a noção do corpo é perpassada por “valores sociobiológicos, médicos, doença” (JODELET, 2017, p. 273). Todos esses presentes na organização da RS sobre o surdo. Os saberes sobre o corpo são sobremaneira fundamentais, umas vez que determina, em parte, a relação que o “sujeito mantém consigo mesmo, com os outros e com o mundo” (JODELET, 2017, p. 273).

Ao analisar a questão ligada ao sistema de crenças, notamos que a noção de deficiência, além de traspassada pela alteridade, é ancorada pela themata corpo são/ corpo defeituoso. Os

surdos identificam-se como um grupo linguisticamente minoritário, falante da Libras, “Conceito de surdo diferente linguístico, língua diferente” (Relato 1); “Grupo surdo próprio identidade, próprio dele” (Relato 3); “Identidade surdo” (Relato 2). Ao mesmo tempo que se aproximam dos outros grupos categorizados como deficientes por conta das barreiras e dificuldades que precisam enfrentar – “pessoa deficiente é tudo: deficiente auditivo; cego; cadeirante; mental, tudo dentro. Então, grupo luta pelo direito[...]” (Relato 1) –, eles também se mantêm afastados porque possuem “corpo normal” (Relato 3); “pessoa deficiente é diferente conceito pessoa surda” (Relato 1).

No discurso do autor do relato 1, as antinomias normal/ anormal; nós/ eles orientam o autor durante a (re)construção da RS sobre o surdo, além disso a resposta da segunda questão é, especialmente, marcada pela diferença no uso da língua e no comportamento cultural. O metassistema, que orienta a (re) construção da RS sobre o surdo em oposição a do ouvinte, é organizado recorrentemente, no discurso, pelo conflito entre os grupos sociais. Além disso, na primeira questão, há uma distinção entre os grupos: cadeirantes; amputados; cegos e surdos. O primeiro grupo são categorizados como deficientes físicos porque apresentam um defeito corporal visível e por este motivo se fastia do segundo grupo que, embora deficiente, não apresenta nenhum defeito corporal visível. Cegos e surdos são deficientes porque enfrentam barreiras sociais e para transpassá-las precisam de auxílios, isto é, instrumentos que supram suas necessidades: bengala e o aparelho coclear. No entanto, há uma diferença entre cegos e surdos: o primeiro grupo tem a necessidade da bengala. Enquanto o grupo dos surdos ainda se subdivide entre: surdos que são deficientes auditivos, ou seja, aqueles que fazem uso do aparelho coclear e Surdos, em outras palavras, sujeitos que assumem a surdez como um traço de identidade social, que utilizam a libras como língua natural e se auto categorizam como minoria linguística. Podemos, portanto, concluir que os surdos ancoram a deficiência do seguinte modo:

Figura 2 – Ancoragem do núcleo central no discurso dos surdos (professores e alunos)

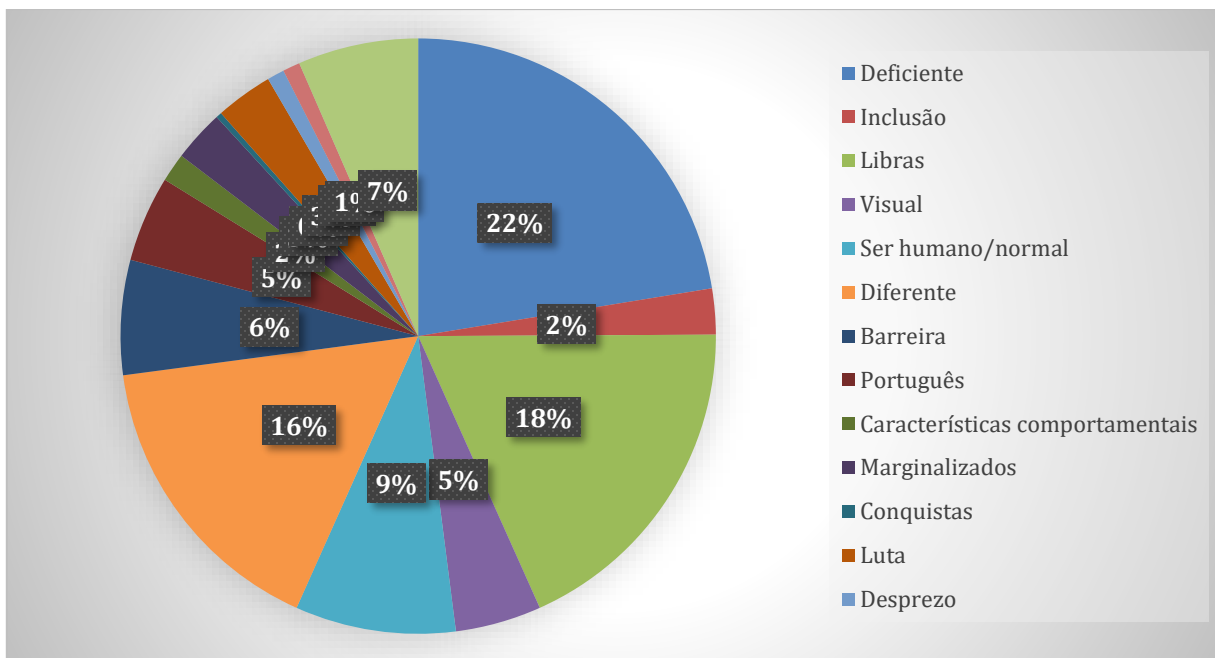


Fonte: Elaborado pelos autores do presente artigo

Ainda no relato 1, embora o autor defenda que “deficiente é tudo: deficiente auditivo; cego; cadeirante; mental, tudo dentro”, o sujeito surdo destaca-se dos demais porque é uma minoria linguística. Para os surdos, a deficiência faz parte do núcleo central da RS sobre o surdo, mas ela não é entendida como uma limitação, e sim como uma barreira social imposta por uma sociedade majoritariamente ouvinte. O elemento do núcleo central da RS sobre o surdo, conforme a visão do grupo, é organizado pela *themata* corpo são/ corpo defeituoso; normal/ anormal; nós/ eles.

O objetivo primeiro do artigo era discriminar os elementos que compunham a RS sobre o surdo no discurso dos surdos e compreender como esses eram ancorados. Com base nas análises feitas por meio do aparato teórico-metodológico proposto, podemos sintetizar as categorias que foram ativadas, pelos diferentes sistemas (sistema ideológico, sistema operacional e o metassistema), nos discursos de surdos meio do gráfico. Nele, listamos os elementos que ancoram a RS sobre o surdo percentualmente, levando em conta a recorrência destes dentro dos discursos dos sujeitos surdos. Foram entrevistados um total de nove (9) alunos surdos e três (3) professores surdos.

Gráfico 1- Os elementos que ancoram a RS sobre o surdo



Fonte: elaborado pelos autores do presente artigo

Podemos constatar que o elemento central da RS sobre o surdo é “deficiente”, no entanto este elemento está ancorado de uma maneira peculiar, isso explica, em parte, a recorrência do elemento “ser humano/ normal”; “barreira”; “diferente” e “acessibilidade”, uma vez que o grupo “luta” para ser reconhecido como um grupo minoritário, identificado principalmente por serem sujeitos que apreendem a realidade e interagem por meio das mãos/ corpo e por meio dos olhos – elemento “visual” – e usuários da língua “libras”. Este último elemento, “libras”, assim como “português” sustentam a themata Nós X Eles, ambos os elementos categorizam o endogrupo e exogrupo, surdos e ouvintes respectivamente. Os elementos presentes no gráfico sustentam a noção de deficiência do grupo analisado e, ao mesmo tempo que aproxima os surdos dos ouvintes, os diferencia, levando em conta as categorias que ancoram a RS do surdo.

Considerações finais

Partimos da hipótese de que a deficiência faz parte do núcleo central da RS sobre o surdo dentro do discurso dos sujeitos surdos. Para testar a hipótese, utilizamos o método proposto por Abric: o cenário ambíguo. Como esperado, a imagem dois do texto 1 causou estranhamento nos entrevistados porque “só pessoa” (Relato 2). Para tornar o texto 1 coerente, os entrevistados categorizaram a segunda imagem do texto 1 como “outra deficiência, pode mental” (Relato 2). A estratégia usada para a manutenção do sentido do texto 1 deixa claro que o fio que tece a coesão no texto é o elemento deficiência. Além disso, o texto 2, composto apenas por símbolos socialmente aceitos como representastes de diferente tipos de deficiência, não causou qualquer estranhamento.

No entanto, podemos verificar que a ancoragem do elemento nuclear em questão é peculiar, isto é, os surdos subdividem a deficiência em categorias como: aqueles que apresentam defeitos físicos visíveis, como cadeirantes e amputados, e aqueles que não os apresentam, como os cegos e os surdos. Ainda dentro desse segundo grupo, aqueles que precisam usar instrumentos para superar as barreiras sociais, os cegos, e aqueles que não precisam – neste momento, os surdos aproximam-se dos ouvintes porque ambos têm corpo são. Por causa desta subcategorização, os surdos distinguem os Surdos dos deficientes auditivos (aqueles que optam pelo uso do aparelho coclear) – isso, em parte, explica o porquê os surdos rejeitam o uso do aparelho coclear. Essa categorização é organizada pela *themata* corpo defeituoso/ corpo são. Além disso, outras *thematas* organizam a ancoragem da RS sobre o surdo, como normal x anormal. Ela é historicamente significativa dentro do debate sobre o surdo pois evoca outra *themata*: humano x não humano. Historicamente, a deficiência está associada à não humanidade. Os surdos, por serem encarados por muito tempo como doentes mentais, débeis e incapazes, eram privados dos direitos básicos garantidos para qualquer humano: o direito ao casamento, o direito à educação e, muitas vezes, não tinham direito nem à vida.

Atualmente, as sociedades são, constitucional e juridicamente, orientadas por normas antidiscriminatórias e condenam expressões de preconceito, Vala (2010). Os sujeitos, por isso, recorrem a explicações, socialmente aceitas, para justificar o preconceito. Os atuais estudos sobre o assunto defendem que há fatores legitimadores do preconceito, como: diferenças individuais; conflitos de interesse; processo de categorização e processos identitários. A percepção de ameaça, seja ela real ou simbólica, é um fator justificador do preconceito, Pereira e Souza (2016). Podemos verificar, na reconstrução dos discursos, que há uma demarcação precisa em relação ao pertencimento grupal

referente aos surdos. Essa divisão não é apenas marcada pelo traço da surdez ou não surdez, antes, diferenças culturais, diferenças comportamentais, diferenças de valores, demarcam bem a pertença dos membros que fazem parte do grupo dos surdos e a diferença entre surdos e ouvintes.

A percepção e apontamento, dentro dos discursos, em relação às diferenças culturais e comportamentais tem um objetivo importante: “a simples anunciação das diferenças culturais tem subjacente a ideia de hierarquias culturais ou a distintividade social do endogrupo”, ou seja, “quando dizemos que somos culturalmente diferentes, estamos a dizer que somos culturalmente superiores” (VALA, 1999, p. 148). O autor defende que é mais “fácil”, ou seja, melhor aceita a distinção entre grupos por diferenças culturais a diferenças raciais para explicar distinções comportamentais. No entanto, para o autor, da mesma maneira que o conceito de raça estava atrelado à superioridade de um grupo específico, o conceito de distintividade cultural também está associado à superioridade do endogrupo em relação a um exogrupo. Além disso, Vala (1999) defende que a discriminação é proporcional à percepção da diferença: “[...] a discriminação intergrupo será tanto maior quanto maior for a percepção de dissemelhança cultural entre o endogrupo e o exogrupo” (VALA, 1999, p. 152). Nos discursos analisados, há uma distinção clara no comportamento entre o grupo dos surdos e o grupo dos ouvintes, “Surdo ouvinte é diferente sim porque surdo cultura diferente, exemplo: surdo briga briga fica raiva outro surdo, mas amanhã paz. Ouvinte briga briga amanhã paz não. [...] Mas surdo cultura diferente ouvinte (Relato 1).

As pesquisas guiadas pelos princípios teóricos da TRS permitem observar as mudanças sociais sob duas perspectivas, segundo Valentim (2013, p. 164), “o da mudança das próprias representações sociais e o de conceito útil para a compreensão dos processos de transformação social nas sociedades e comunidades”. Por esse motivo, ele divisa o futuro das pesquisas orientadas pela TRS, com o objetivo de esmiuçar a (re)construção da RS e apontar/ explicar práticas discriminatórias sustentadas pela naturalização da RS, como faz Vala (2004; 2010; 2015a; 2015b) sobre as novas expressões racistas em Portugal, especialmente.

Para Valentim (2013), o futuro dos estudos sobre a RS reside na articulação entre a pesquisa empírica, a reflexão teórico-conceitual e o rigor metodológico. Nesse sentido, procuramos articular concepções basilares em Moscovici (2015) e Doise (2014) para propor um modelo analítico que sustentasse as análises dos discursos dos sujeitos surdos. Dessa maneira, compreendemos, por meio

do funcionamento de diferentes sistemas atravessados tanto pela cognição dos sujeitos como por princípios que regem as atividades sociais, como se ancora a RS sobre o surdo dentro do discurso do próprio grupo. Isto é, chegamos à conclusão de que, embora o elemento que organiza o núcleo central da RS sobre o surdo seja a deficiência, ela é ancorada de maneira peculiar; a noção da deficiência é atravessada pela noção de antinomias como corpo são/ corpo defeituoso, por esse motivo os surdos organizam a RS sobre o surdo em subcategorias, ora aproximando-se dos ouvintes ora distanciando-se destes. Além disso, como apontado no gráfico 1, a noção de deficiência é ancorada no discurso pela themata Ser humano X Normal. Os surdos se enxergam como um grupo linguisticamente minoritário, uma vez que são falantes da libras; como sua interação com o mundo é mediada pelo corpo, encaram-se como sujeitos visuais. Diferenciam-se do exogrupo, os ouvintes, por conta da língua, o português e porque precisam enfrentar barreiras sociais e lutar por acessibilidade. Isto é, os surdos ora se enxergam próximos aos ouvintes, ora se diferenciam deles.

Referências

- ABRIC, Jean Claude. *Metodologia da abordagem Estrutural das Representações Sociais*. Tradução feita por Maria de Fátima de Souza, para uso de pesquisa, do original: ABRIC, J.C. *L'approche structural des Représentations Sociales: développements récents*. Trabalho apresentado na V Conferência Internacional sobre Representações Sociais realizada no México, 1993.
- ABRIC, Jean Claude. A abordagem estrutural das Representações Sociais: desenvolvimentos recentes. In: CAMPOS, P.H.; LOUREIRO, M.C.S. *Representações Sociais e práticas educativas*. ED. UCG, Goiânia, p. 37- 57, 2003.
- ABRIC, Jean Claude; RATEAU, Patrick; MOLINER, Pascal; GUIMELLI, Christian. *Handbook of Theories of Social Psychology*. London, 2012.
- ALMEIDA, Angela de Oliveira. Abordagem societal das representações sociais. *Soc. estado*. [online]. vol.24, n.3, pp.713-737. ISSN 0102-6992. 2009.
- ARRUDA, Angela. O ambiente natural e seus habitantes no imaginário brasileiro. In: ARRUDA, Angela (org). *Representado a alteridade*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1998.
- ARRUDA, Angela. Representações Sociais: dinâmicas e redes. In: ALMEIDA, Angela M. de; SANTOS, Maria de Fátima; TRINDADE, Zeide A. (orgs). *Teoria das Representações sociais: 50 anos*. Brasília, Technopolitik, 2014.
- CLÉMENCE, Alain; GREEN, Eva G.T.; COURVOISIER, Nelly. Comunicação e ancoragem: a difusão e a transformação das representações. In: ALMEIDA, Angela M. de; SANTOS, Maria de Fátima;

- TRINDADE, Zeide A. (orgs). *Teoria das Representações sociais: 50 anos*. Brasília, Technopolitik, 2014.
- DIAS JÚNIOR, Jurandir Ferreira. et al. *Projeto pedagógico do curso Licenciatura em Letras-Libras*. Recife, 2013.
- DOISE, Willem. Da Psicologia Social à Psicologia Societal. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*. Jan- Abr 2002, Vol 18 n.1, pp 27- 35.
- DOISE, Willem. Sistema e Metassistema. In: ALMEIDA, Angela M. de; SANTOS, Maria de Fátima; TRINDADE, Zeide A. (orgs). *Teoria das Representações sociais: 50 anos*. Brasília, Technopolitik, 2014.
- DOISE, Willem. Psicologia Social e Mudança Social. In: JESUÍNO, Jorge C.; MENDES, Felismina R.P.; LOPES, Manuel José (orgs). *As Representações Sociais nas Sociedades em Mudança*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2015.
- FLAMENT, Claude. Estruturas e Dinâmicas da Representações Sociais. In: Jodelet, Denise (org.). *As representações sociais*. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2001.
- GOLDFELD, Marcia. *A criança surda: linguagem e cognição numa perspectiva sociointeracionista*. São Paulo: Plexus Editora, 2002.
- JODELET, Denise. A alteridade como produto e processo psicossocial. Em: A. Arruda (org.). *Representando a alteridade*. Petrópolis: Vozes, p. 47-67, 1998.
- JODELET, Denise. *Loucuras e representações sociais*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2005.
- JODELET, Denise. O encontro dos saberes. In. JESUÍNO, Jorge C.; MENDES, Felismina R.P.; LOPES, Manoel José. (orgs). *As representações sociais nas sociedades em mudança*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2015.
- JODELET, Denise. *Representações Sociais e mundos de vida*. São Paulo: Fundação Carlos Chagas; Curitiba: PUCPress, 2017.
- MARKOVÁ, Ivana. *Dialogicidade e representações sociais: as dinâmicas da mente*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2006.
- MARKOVÁ, Ivana. The making of the theory of social representations. *Cadernos de pesquisa*, v. v. 47, n. 163, p. 358- 375. Jan/ mar. 2017a.
- MARKOVÁ, Ivana. *Mentes dialógica: senso comum e ética*. Curitiba: PUCPRESS, 2017b.
- MENEZES, Tayana Dias de. *A (re)construção da Representação Social sobre o surdo e suas marcas discursivas*. Tese (Doutorado em Letras) - Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2020.
- MENEZES, Tayana Dias de. The dialogical approach and discourse: a study on social representation about the deaf. *Cadernos de Linguística*, v.2, n.4, p. e421, 4Sep. 2021.
- MARCUSCHI, Luiz Antônio. Manifestações de Poder em Formas Assimétricas de Interação. *Investigações – Linguística e Teoria Literária*. v.1, p. 51-70, 1988.
- MORAES, Patrícia Regina de; SOUZA, Indira Coelho de; PINTO, Denise Almada de Oliveira; ESTEVAM, Sebastião José; MUNHOZ, Wanderley Adaid. A Teoria das Representações Sociais. *Revista Eletrônica – UNISEPE*. 2014.
- MOSCOVICI, Serge. *A representação social da psicanálise*. Rio de Janeiro, Zahar, 1978.
- MOSCOVICI, Serge. O fenômeno das representações sociais. Em: S. Mocosivi. *Representações sociais. Investigações em psicologia social*. Petrópolis, Vozes, pp. 29, 2003.

MOSCOVICI, Serge. *Representações Sociais: Investigações em psicologia social*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2015.

PEREIRA, Cícero Roberto; SOUZA, Luana Elayne de. Fatores legitimadores da discriminação: uma revisão teórica. *Psicologia: teoria e pesquisa*, v. 32, n. 2, p. 1- 10. Abr- Jun. 2016.

VALA, Jorge. Sobre as Representações Sociais – para uma Epistemologia do Senso Comum. *Cadernos de Ciências Sociais*, Porto, nº 4, p. 3- 29, 1986.

VALA, Jorge. *Representações Sociais e percepções intergrupais*. *Análise Social*, Vol. XXXII, p. 7- 29, 1997.

VALA, Jorge; LOPES, Diniz; BRITO; Rodrigo. A construção social da diferença: racialização e etnicização das minorias. In: VALA, Jorge (org). *Novos Racismos: perspectivas comparativas*. Portugal: Celta Editora, 1999.

VALA, Jorge; LIMA, Marcus. (2002). Individualismo meritocrático, diferenciação cultural e racismo. *Análise social*, Vol. XXXVII, p. 181- 207, 2002.

VALA, Jorge; LIMA, Marcus Eugênio Oliveira. As novas formas de expressão do preconceito e do racismo. *Estudos de psicologia*, 9 (3), p. 4001- 411, 2004.

VALA, Jorge; PEREIRA, Cícero Roberto. Do preconceito à discriminação Justificada. *In-Mind_Português*, vol.1, nº2-3, 1- 13, 2010.

VALA, Jorge. Racismos: representações sociais, preconceito racial e pressões normativas. In: JESUÍNO, Jorge Correia; MENDES, Felismina R.P.; LOPES, Manuel José (orgs). *As representações sociais nas sociedades em mudança*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2015a.

VALA, Jorge; LOPES, Diniz; BRITO; Rodrigo. Racismo, esteriótipo e emoções: << eles não são piores do que nós, mas nós somos melhores do que eles>>. In: VALA, Jorge; LOPES, Diniz; BRITO; Rodrigo. *Expressões dos racismos em Portugal*. Lisboa: Imprensa de Ciências Sociais, 2015b.

VALENTIM, Joaquim Pires. Que futuro para as representações sociais? *Psicologia e Saber Social*, 2(2), 158-166, 2013.